

O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo

Kirlla Cristhine Almeida Dornelas

Agnaldo Garcia

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

O relacionamento entre mãe e filha adulta é um tema ainda pouco investigado, especialmente no Brasil. O objetivo deste trabalho foi investigar, de forma exploratória e qualitativa, algumas dimensões desta forma de relacionamento. Participaram da pesquisa 18 mulheres residentes na Grande Vitória, sendo quatro pares de mães e suas filhas casadas e cinco de mães e suas filhas solteiras. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas individuais, cujo conteúdo foi organizado e os dados foram classificados nas seguintes categorias: a história do relacionamento (separação/aproximação, dependência/independência, expectativas de mudanças na relação); a influência da família (do esposo/pai, filhos/irmãos e de outras pessoas da família); o cotidiano do relacionamento (atividades compartilhadas e comunicação); influência social, apoio e cooperação entre mãe e filha; a percepção do relacionamento (acertos/equívocos, admiração/crítica); algumas dimensões clássicas do relacionamento (similaridades e diferenças, reciprocidade e complementaridade, conflito interpessoal, auto-revelação e privacidade). O casamento foi apontado como um ponto de separação, gerando um novo papel social para a filha, o que afeta a relação com a mãe, ora afastando, ora reaproximando as duas. De forma geral, o relacionamento entre mãe e filha adulta é marcado por sua natureza dialética, integrando separação e aproximação, busca de diferenciação e descoberta de similaridades, encontros e desencontros.

Palavras-chave: relacionamento interpessoal; família; relacionamento mãe-filha adulta

ABSTRACT

The mother-adult daughter relationship: a descriptive study

The mother-adult daughter relationship is still a seldom investigated topic, especially in Brazil. This work aimed at investigating some dimensions of this kind of relationship in an exploratory and qualitative way. Eighteen women participated in the investigation, all living in the Metropolitan Area of Vitoria, including four pairs of mothers and their married daughters and five pairs of mothers and their single daughters. Individual, semi-structured interviews have been employed. The content has been organized and data have been classified in the following categories: the relationship history (separation/approximation, dependence/independence, expectations of relationship changes); family influence (from spouse/father, children/siblings and from other family members); the relationship daily routines (shared activities and communication); social influence, support and cooperation between mother and daughter; relationship perception (right/wrong, admiration/criticism); some classic relationship dimensions: similarities and differences, reciprocity and complementarity, interpersonal conflict, self-revelation and privacy. Marriage has been pointed as a separation point, giving rise to a new social role to the daughter, which affects her relationship with the mother, sometimes getting apart, sometimes getting closer. In general, the mother-adult daughter relationship is marked by its dialectical nature, integrating separation and approximation, a quest for differentiation and the discovery of similarities, getting together and breaking apart.

Keywords: personal relationships; family; mother-adult daughter relationship

O relacionamento entre pais e filhos adultos representa uma área de pesquisa recente e ainda pouco investigada, especialmente em território nacional. Contudo, frente ao aumento na expectativa de vida de pais e filhos, torna-se cada vez mais relevante conhecer melhor essa relação (Luscher & Pillemer, 1998).

De modo particular, o relacionamento entre mãe e filha adulta tem despertado o interesse da comunidade científica internacional sob diferentes perspectivas. A relação entre mãe e filha se estende por toda a vida da mãe, sofrendo mudanças com o casamento e a maternidade da filha e a velhice e a enfermidade da mãe

(Yoo, 2004). Quatro áreas principais de investigação podem ser identificadas na literatura sobre o tema: a) a influência do relacionamento mãe-filha para a formação da identidade feminina; b) o cuidado das filhas com mães idosas; c) os efeitos do casamento e da maternidade da filha no relacionamento com a mãe; e, d) a ambivalência da relação mãe-filha. A seguir, apresentamos uma visão geral desses trabalhos.

O relacionamento entre mãe e filha é fundamental para o desenvolvimento da identidade feminina de ambas. Tal identidade, por sua vez, também interfere e modula o relacionamento entre elas. As mulheres mantêm a identificação com a mãe ao longo da vida e no relacionamento entre elas constroem o que é ser mulher (Chodorow, 1979, 2002). Por outro lado, a mãe também se identifica com a filha e projeta seus sentimentos nela em busca de sua realização (Einchenbaum & Orbach, 1983). Historicamente, as mulheres são responsáveis pelo campo privado, os cuidados com a família e a perpetuação destes laços. Isto permite que a relação entre mãe e filha promova uma identificação emocional e de papéis (Mottram & Hortaçsu, 2005). A proximidade ajuda as mulheres a compreender-se, conhecer seus papéis sociais e a própria feminilidade, de acordo com sua cultura. O processo de identificação promove a similaridade entre mãe e filha. Do ponto de vista dos estudos sobre o relacionamento, a similaridade tem sido considerada como um facilitador para uma relação mais próxima, como ocorre nas amizades (Hinde, 1997). De certa forma, os estudos privilegiam os efeitos do relacionamento sobre a identidade. Como a identificação afeta o relacionamento entre mãe e filha adulta merece um estudo mais aprofundado.

Os cuidados providos pela filha adulta à mãe idosa é outro foco de atenção. Ajudar os pais idosos é considerado uma obrigação e responsabilidade dos filhos adultos (Cicirelli, 1993, 2003). Entretanto, segundo o autor, outros aspectos motivacionais entrariam em jogo, como o sentimento de apego (Bowlby, 1984, 1989). Segundo Walker, Shin e Bird (1990), a maior parte das mães e filhas relata diferentes motivos para o cuidado provido, como afeição, proximidade e satisfação. As responsabilidades da vida adulta da filha, contudo, são importantes para definir o tempo disponível para a atenção necessária à mãe (Scharlach, 1987). Por exemplo, Lang e Brody (1983) indicam que as filhas casadas dispõem menos atenção e cuidados com a mãe do que as filhas sem trabalho ou solteiras. A distância geográfica é algo que também interfere nesta atenção (Dewit, Wister & Burch,

1988). Mesmo com custos significativos, os cuidados assumidos pela filha também apresentam aspectos positivos (Donorfio & Sheehan, 2001). Para algumas mães e filhas, a situação da filha como cuidadora oferece a oportunidade de modificar a relação (Cantor & Hirshorn, 1989). Cuidar e ser cuidado representam aspectos de um relacionamento complementar (Hinde, 1997). Por outro lado, pouco tem sido investigado sobre a reciprocidade no relacionamento entre mãe e filha adulta, com ênfase em pontos de similaridade, quando nenhuma apresenta uma relação de dependência da outra, como em situações de enfermidade, por exemplo.

Casar-se e tornar-se mãe são eventos na vida da mulher adulta que afetam sua relação com a mãe, podendo fortalecê-la ou enfraquecê-la (Suitor, 1987). Estes acontecimentos dão lugar a novos papéis da mulher. Apesar da diversidade de papéis da vida adulta das mulheres, segundo a autora, casar e ter filhos são os marcos mais importantes para o relacionamento entre mãe e filha adulta, ampliando sua rede social (sogros, genros e filhos) e criando novos papéis sociais, como o de avó. Estes fatos marcantes no relacionamento entre mãe e filha evidenciam seu aspecto histórico e sua constante transformação (Hinde, 1997). Tais dados realçam a importância de considerar a situação familiar das filhas adultas (solteiras ou casadas, com ou sem filhos) como afetando diretamente o relacionamento com suas mães.

Como em qualquer outro relacionamento, esta relação também apresenta aspectos negativos. Os relacionamentos em geral estão sujeitos a dificuldades, entre elas o conflito e a agressividade (Hinde, 1997). A coexistência de sentimentos positivos e negativos é normal na relação entre mãe e filha, mas as discussões entre elas sobre os sentimentos negativos para evitar o conflito não são comuns neste relacionamento (Fingerman, 1995, 1996). Neste contexto, as mães percebem mais os pontos de similaridades e aproximação com as filhas, que valorizam mais a relação à medida que envelhecem, buscando a proximidade materna, argumentam Lefkowitz e Fingerman (2003).

As quatro áreas indicam a diversidade dos estudos, não apenas quanto ao foco da investigação, mas também em relação à orientação teórica. A presente pesquisa se relaciona, em parte, com algumas das áreas acima ao descrever como o processo de identificação entre mãe e filha interfere na dinâmica do relacionamento, sem desconsiderar a ambigüidade emocional. Em relação aos trabalhos acima citados, este artigo apresenta dois pontos que o distinguem. Do ponto de

vista teórico, toma como referencial teórico a obra de Robert Hinde (1997), na qual o autor propõe alguns princípios para a organização de uma “ciência do relacionamento interpessoal”, princípios estes que orientam a presente investigação, particularmente quanto à importância dada aos aspectos descritivos e a integração ou síntese de vários aspectos da relação entre mãe e filha adulta. Do ponto de vista do foco da investigação, o presente artigo procura discutir o relacionamento entre mãe e filha adulta enfatizando a similaridade entre ambas (como mulheres, adultas, sem relações de dependência ou cuidado devido a enfermidade ou idade avançada), contrastando com a ênfase na literatura sobre a dependência da mãe (idosa) em relação à filha adulta.

A melhoria das condições de saúde da população, relacionada ao desenvolvimento social, econômico e tecnológico, mostra reflexos no aumento da longevidade, o que afeta também as relações familiares. Uma consequência direta do aumento de longevidade e das condições gerais de saúde é a possibilidade de um maior período de convivência entre mãe e filha adulta, sem que a filha assuma o papel de cuidadora da mãe. Assim, um conhecimento mais profundo das relações entre mãe e filha adulta nessas condições pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida tanto das mães quanto das filhas.

Este trabalho teve como objetivo investigar, descrever e analisar o relacionamento entre mães e suas filhas adultas em uma fase intermediária da vida, quando mães e filhas não dispõem cuidados especiais à outra. Cinco aspectos mais amplos foram investigados nesta pesquisa qualitativa: a) a história do relacionamento entre mãe e filha; b) a influência da família no relacionamento; c) o cotidiano do relacionamento; d) a percepção do relacionamento; e, e) algumas dimensões básicas do relacionamento (semelhanças e diferenças, reciprocidade e complementaridade, conflitos e auto-revelação e privacidade). Buscou-se, ainda, verificar indícios de efeitos do casamento das filhas sobre essas propriedades de relacionamento.

MÉTODO

A pesquisa foi realizada com a participação de nove filhas adultas com suas respectivas mães. O contato foi feito inicialmente com as filhas. Neste caso, todas tinham entre 25 e 35 anos de idade, haviam concluído um curso superior, exerciam atividade remunerada e não tinham filhos. Por outro lado, as mães

participantes tinham entre 45 e 65 anos e eram todas alfabetizadas (com a escolaridade variando entre ensino fundamental e curso superior). No caso das mães, algumas exerciam atividade profissional remunerada. As participantes foram divididas em dois grupos: mães e suas filhas casadas há pelo menos um ano (quatro duplas) e mães e suas filhas solteiras (cinco duplas). Todas as filhas casadas residiam em residências separadas, sendo que mães e filhas residiam na Grande Vitória. As filhas solteiras residiam juntamente com suas mães, convivendo diariamente. Os participantes foram indicados por pessoas ligadas ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Foram excluídas mães e filhas adultas que necessitavam de cuidados especiais.

As filhas e suas respectivas mães pertenciam a nove famílias. As cinco famílias de origem das filhas solteiras apresentavam a seguinte configuração: a) pai, mãe, a filha (mais velha) e seu irmão; b) mãe viúva e seu novo companheiro, a filha (mais velha) e seu irmão; c) pai, mãe e a filha; d) pai (trabalha em outros estados), mãe, um irmão mais velho, a filha (segundo filho) e dois irmãos mais novos; e) pai, mãe, a filha (mais velha) e um irmão, além da avó, que mora no andar de baixo da casa. As quatro famílias de origem das filhas casadas apresentavam a seguinte configuração: a) pai, mãe, a filha (mais velha) e sua irmã mais jovem; b) mãe viúva, a filha (mais velha), duas irmãs e dois irmãos; c) pai, mãe, a filha, uma irmã mais velha (casada) e um irmão mais jovem; d) pai, mãe, a filha (mais velha), duas irmãs e um irmão adotivo da mesma idade da filha participante. Das nove mães que participaram da pesquisa, sete ainda estavam casadas com os pais de suas filhas. Duas haviam ficado viúvas, sendo que uma delas residia com um novo companheiro. As filhas solteiras, além de trabalharem, também estudavam (cursos de pós-graduação ou de idiomas, entre outros) e apenas uma delas estava namorando na época da entrevista.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semi-estruturada seguindo um roteiro preestabelecido abordando diferentes aspectos do relacionamento entre mãe e filha adulta: histórico e o cotidiano da relação, contexto familiar, percepção do relacionamento e algumas dimensões como influência, cooperação e conflito, indicadas por Hinde (1997). As entrevistas foram realizadas individualmente na casa ou no ambiente de trabalho das participantes, de acordo com sua preferência, e duraram entre quarenta minutos e uma hora e meia. Estas foram gravadas e transcritas na íntegra.

Os dados foram analisados de forma qualitativa, tendo o conteúdo das respostas sido organizado de acordo com categorias pré-estabelecidas (indicadas abaixo). Dentro de cada uma destas categorias, foram propostas subcategorias definidas de modo indutivo a partir do seu conteúdo. As categorias pré-estabelecidas ou os aspectos investigados foram os seguintes: a) história do relacionamento entre mãe e filha (da infância aos momentos marcantes da vida adulta e expectativas quanto ao relacionamento futuro; b) família (como os demais familiares influenciam o relacionamento); c) o cotidiano do relacionamento (aspectos da convivência incluindo as atividades em comum e a comunicação); d) influência social e cooperação (o apoio, a relação de ajuda, as influências e suas dificuldades); e) a percepção do relacionamento (os lados positivo e negativo da relação); f) categorias básicas do relacionamento (semelhanças e diferenças, reciprocidade e complementaridade, conflitos e estratégias de resolução).

RESULTADOS

1. A história do relacionamento

A partir da organização do conteúdo das respostas às questões sobre a história do relacionamento, foram propostas três subcategorias, de acordo com a semelhança de conteúdo: uma dimensão incluindo aproximação e separação, outra sobre dependência e independência e uma terceira sobre mudanças no relacionamento.

Separação e Aproximação – Mães e filhas apresentam movimentos de distanciamento e aproximação ao longo do tempo (Shaw & Magnuson, 2004). Sete mães (quatro de filhas casadas e três de filhas solteiras) citaram a separação ao falar da história de seu relacionamento com a filha. Essa separação estava associada ao primeiro namorado, à perda da virgindade, à entrada das filhas no mercado de trabalho, à resolução dos próprios problemas por parte das filhas e ao seu casamento. Separação e aproximação, contudo, estavam mescladas nesses eventos cruciais, como o casamento. Com relação à manutenção da proximidade, três mães (com filhas casadas) relataram que as filhas sempre a visitavam, principalmente em eventos familiares, como aniversários e o almoço de domingo. Além disto, a pequena distância física da casa das filhas foi um fator de aproximação, facilitando visitas e encontros casuais. As filhas solteiras, contudo, estão mais próximas. Três mães e suas filhas solteiras com-

partilhavam atividades como lanchar e sair juntas. Quando as filhas eram casadas, estas buscavam mais a aproximação. Por outro lado, quando as filhas eram solteiras, foram as mães que buscaram se aproximar. Desta forma, mesmo com a separação imposta pelo casamento, novas formas de aproximação são criadas. As filhas também indicaram a separação e a reaproximação como fazendo parte do histórico da relação com suas mães. Os fatores de separação mencionados pelas filhas (quatro solteiras e três casadas) incluíam a mudança de postura materna, ir estudar em outro estado, a vida universitária, ter condições financeiras de se sustentar, a separação dos problemas de cada uma, não mais necessitar de aprovação contínua, a descoberta da vida sexual da filha pela mãe e o casamento. O casamento foi indicado como um evento marcante pelas filhas casadas, contudo com efeitos positivos sobre o relacionamento com as mães, possivelmente pelo desenvolvimento de novos pontos de similaridade. O período pós-casamento foi doloroso para mães e filhas, gerando o sentimento de solidão e o desejo em ambas de estarem mais próximas. Para três filhas casadas, partilhar aspectos similares, como a vida de casada, facilitou a comunicação e a compreensão entre elas. As filhas solteiras (quatro) ressaltaram a separação e as diferenças com a mãe, mas ainda assim se sentiam próximas delas.

Dependência e Independência – A dependência pode ocorrer, entre outros motivos, pelas mães desejarem continuar como a principal fonte de apoio emocional das filhas (Kabat, 1998) e pelo desejo das filhas em se manterem sob esta proteção. A dependência foi comentada por três mães (duas com filhas solteiras e uma com filha casada), que se consideraram dependentes da filha. Somente uma mãe considerou a própria filha (solteira) como dependente, sempre procurando sua orientação. A dedicação às filhas solteiras é uma maneira das mães dependentes tentar cativá-las a manter o relacionamento. Consideraram que a entrada de novas pessoas na vida das filhas, como namorado ou marido, causa mudanças que não as agradam. As filhas casadas não se referiram à dependência entre elas e suas mães, talvez por estarem mais voltadas para as suas próprias vidas, conciliando casamento e carreira. Dentre as filhas solteiras, apenas uma enfatizou sua dependência da mãe. A relação se altera pelo crescimento da filha, que passa a estudar longe de casa, estar mais com as amigas ou namorado e a apresentar opiniões próprias. Como as mães disseram, foram diminuindo os cuidados maternos porque as filhas passaram a cuidar de si mesmas.

Expectativas de Mudanças na Relação – Os relacionamentos mudam progressivamente ou variam dentro de alguns limites, desde coisas triviais até grandes transformações (Hinde, 1997). Apesar de se declararem satisfeitas com o relacionamento atual, mães (quatro com filhas casadas e quatro com filhas solteiras) e filhas almejam mudanças. As mães de filhas casadas desejavam morar mais perto das filhas, ser avós, ver o sucesso profissional das filhas (aliado a seu bem-estar) e não incomodar quando idosas. As mães de filhas solteiras gostariam que as filhas fossem mais abertas, que pudessem cuidar mais delas, que conquistassem sucesso e independência profissional e financeira. Consideraram o casamento e a maternidade das filhas como não obrigatórios, apesar de desejarem ser avós. Oito filhas apontaram expectativas quanto a mudanças no relacionamento. As casadas (quatro) gostariam de mudar seus comportamentos e atitudes no tratamento com as mães. Esperam que a futura gravidez ajude na compreensão do que é ser mãe e aumente a união entre elas. As solteiras (quatro) também esperam se tornar mais abertas e pacientes com as mães. Somente uma considerou que a mãe deveria aceitar mais suas opiniões. Quanto ao casamento, elas têm opiniões diferentes do impacto no relacionamento com as mães, ora como causa de afastamento (devido aos cuidados com a própria família), ora como causa de aproximação (pela similaridade de papéis na constituição da própria família).

2. A família

O relacionamento entre mãe e filha adulta não é algo isolado e nem está limitado ao contexto familiar (Mens-Verhulst, 1995). A compreensão da relação deve considerar estas participações na dinâmica da díade e sua influência sobre o relacionamento, como é o caso dos pais ou esposos e dos irmãos ou filhos (O'Connor, 1990).

Esposo / Pai – Para três mães de filhas casadas, o esposo/pai percebe a relação entre mãe e filha positivamente. Para estas mães, os maridos adulam as filhas. Quatro mães de filhas solteiras comentaram que suas filhas são “filhas do pai”, considerando-as muito parecidas com eles e diferentes delas próprias, o que facilitaria a compreensão do comportamento das filhas. Quando há outros filhos do sexo masculino, as mães demonstraram se identificar mais com os filhos, mesmo negando a existência de preferências no relacionamento entre mãe e filhos. Apesar disto, estas mães também observaram que os pais sentem ciúmes do relacionamento entre elas e suas filhas, pois se

sentem à parte nesta relação. Somente uma mãe disse que pai e filha são mais ligados entre si do que ela e sua filha. Para as filhas casadas (três), os pais são protetores e adutores, as vêem como autoritárias e influenciando as mães. Três filhas solteiras relataram que as mães as vêem como semelhantes ao pai. Porém, não se vêem mais próximas dele, porque é com a mãe que as coisas acontecem. Isto é, o relacionamento com o pai parece ser uma relação, em grande parte, intermediada pela mãe.

Filhos/Irmãos – A relação entre mãe e filha adulta sofre a interferência dos outros filhos (ou irmãos). Todas as mães de filhas casadas falaram de todos os filhos em várias ocasiões, indicando a presença de ciúmes dos filhos em relação ao vínculo existente com a filha, considerando-as mais próximas. Três mães de filhas solteiras consideraram que as filhas sentem ciúmes dos irmãos, mas ressaltaram não haver diferença de tratamento. Para três filhas casadas, os irmãos ajudam a minimizar as dificuldades, fortalecem os laços familiares, são confidentes e ajudam a filtrar o que deve chegar ao conhecimento das mães. Três filhas solteiras avaliaram que os irmãos são as pessoas com quem dividem a atenção das mães, o que muitas vezes, provoca ciúmes.

Outras Pessoas da Família – Três mães de filhas casadas comentaram que os genros são muito queridos e presentes nas atividades da família, participando do almoço de domingo, de viagens à casa de praia no verão e de festas de aniversários. Contudo, uma mãe reclamou do fato de a filha incluir o marido em tudo o que faz, o que a incomoda. As mães apreciam os genros, todavia valorizam o tempo que podem compartilhar com as filhas sem a presença deles. As mães também relataram que amigos próximos elogiam a relação, reforçando a maneira de conduzirem o relacionamento entre elas e suas filhas.

3. O cotidiano do relacionamento

Dois aspectos se destacam no cotidiano do relacionamento: as atividades compartilhadas e a comunicação, considerados aspectos importantes da relação parental adulta (Lawton, Silverstein & Bengston, 1994).

As atividades compartilhadas por mãe e filha adulta trazem satisfação com a convivência. Todas as mães e filhas compartilham atividades, principalmente no ambiente doméstico e reclamaram do pouco tempo disponível para a relação. Três das quatro mães de filhas casadas relataram atividades em comum, não

exclusivamente delas, pois envolvem a família, sempre buscando incluir as filhas nas atividades sociais e mesmo em situações profissionais. As atividades ocorrem, geralmente, na casa materna e as mães, habitualmente, não freqüentam a casa de suas filhas, mesmo apreciando as filhas como donas de casa. Como atividades independentes foram citadas a rotina das atividades domésticas e atividades físicas, como caminhar. Todas as mães de filhas solteiras disseram que passam algum tempo juntas, seja vendo televisão ou lanchando, embora os horários sejam incompatíveis devido ao trabalho e estudos das filhas. Por isso, atividades fora de casa são eventuais, quando as filhas as acompanham ao supermercado ou ao *shopping*. As mães ainda relataram que não há empecilhos quanto a irem juntas a festas, praia ou mesmo barzinhos, embora estas sejam atividades que as filhas costumam compartilhar mais com os amigos. Para as filhas casadas, o domingo é um dia importante para as atividades sociais familiares. O casamento limita ainda mais o tempo dedicado especificamente às mães. No caso das filhas solteiras, atividades em comum incluíam ver televisão (novelas e filmes), cozinhar, lanchar, fazer compras pessoais, ir ao supermercado ou ao salão de beleza. As filhas solteiras perceberam que as mães procuram adaptar-se aos horários delas para que possam estar mais juntas.

A comunicação é essencial para a construção e a manutenção do relacionamento. Assuntos cotidianos (como casa e família) foram citados por todas as mães. As filhas casadas citaram vida profissional, o ambiente familiar e assuntos relacionados a casamento, ressaltando que o *status* de casadas fez com que as mães falassem mais da vida pessoal. Três filhas solteiras relataram que as conversas com suas mães costumam ser sobre trabalho, estudo e amigos. Por outro lado, também foram mencionadas dificuldades de comunicação. Conforme Lefkowitz e Fingerman (2003), mãe e filha não costumam discutir sentimentos negativos e problemas da relação. As dificuldades identificadas se referiam a assuntos não discutidos. Todas as mães de filhas casadas avaliaram que a postura das filhas as inibe quanto a conversar sobre assuntos mais íntimos, fazer uma crítica, ou mesmo, pedir algo. Mesmo assim, algumas chegam a expor seus problemas conjugais. Para quatro mães de filhas solteiras, as conversas sobre vida pessoal, namoro e sexo são superficiais. Oito filhas comentaram sobre dificuldades de conversar sobre a vida pessoal. Todas as filhas casadas disseram não haver assuntos tabus, mas não conversam abertamente com as mães sobre

suas vidas íntimas e não apreciam, quando as mães o fazem. A diferença no nível de escolaridade entre elas também dificulta o entendimento. Quatro filhas solteiras omitem ou evitam alguns assuntos, para não preocuparem suas mães. Conversam superficialmente sobre relacionamentos afetivos e não conversam sobre sexo. Todas as filhas preservam os aspectos afetivo-sexuais nas conversas com suas mães; uma das filhas solteiras explicou que: “mãe é como um ser superior, não devendo ser exposta à intimidade das filhas”.

4. Influência social e cooperação

A influência social, o apoio e cooperação estão presentes em diferentes tipos de relacionamento. A influência social diz respeito a quanto o comportamento ou opiniões de uma pessoa afetam o comportamento e as opiniões de outra.

À medida que o relacionamento se desenvolve, mãe e filha se adaptam uma à outra, de diferentes formas e muitas vezes, a influência se confunde com obrigação social (Stein, 1993). Algumas mães (duas) associaram influência social à manipulação, ressaltando que não interferem na vida das filhas. Apesar disto, três mães de filhas casadas comentaram a influência das filhas em suas vidas, associando influência à aprendizagem. Três mães de filhas solteiras se preocupavam em serem aceitas; considerando as opiniões das filhas como referência ou um impedimento de conduta. As mães disseram que as filhas adultas influenciam na mudança de hábitos, no compromisso com os outros, na valorização da própria vida, além de mostrarem o que é moderno em termos de conduta pessoal e familiar. Seis filhas (três casadas e três solteiras) ressaltaram que sofrem a influência de suas mães na vivência da fé, na maneira como se comportavam e nas escolhas que faziam. Três filhas casadas têm o modo de vida das mães e o seu casamento como referência. O casamento da filha parece aumentar a influência mútua. As mães declararam que as filhas cobram mais delas, chamando a atenção quanto a atitudes e comportamentos. Segundo três mães de filhas casadas, embora receiem fazer solicitações, para as filhas pode se pedir tudo. Duas mães de filhas solteiras consideraram que a dedicação à criação das filhas merece retorno delas agora. Segundo as mães de filhas casadas, suas filhas são muito exigentes e estão sempre corrigindo seu modo de falar ou agir em determinada situação, o que as aborrece. Por outro lado, três filhas casadas relataram que suas mães exigem certas formas de comportamento delas em relação ao marido e à sogra. Muitas vezes, as filhas têm dificuldades em

compreender o ponto de vista materno (Martini, Grusec & Bernardini, 2001), reconhecendo que são mais exigentes e menos tolerantes com o comportamento das mães do que o contrário. Quatro filhas solteiras disseram não fazer exigências para as mães e que as reclamações maternas são sobre o tempo fora de casa nos fins de semana (na casa do namorado ou de amigas) e ser muito bagunceira. A influência social, no relacionamento entre mãe e filha adulta, parece estar associada às exigências impostas uma à outra, muitas vezes, gerando conflito entre elas.

Apoio e Cooperação – De acordo com Umberson (1992) a ajuda entre pais e seus filhos adultos traz conseqüências emocionais para ambos. A troca de opiniões, ajuda e cumplicidade foram relatados pelas participantes. Oito mães e todas as nove filhas citaram o apoio como importante. Três mães de filhas casadas informaram que a ajuda acontece quando uma precisa da outra, sendo que precisam mais das filhas do que o contrário, exceto quando as filhas adoecem. As mães disseram que as filhas casadas ajudam com suas opiniões sobre roupas e compra de presentes e assuntos cotidianos. Financeiramente, algumas mães ajudaram suas filhas no início do casamento e uma das mães recebe o auxílio da filha casada, eventualmente. A vida financeira é mais partilhada quando as filhas são solteiras. As mães de filhas solteiras consultam as filhas sobre compras pessoais (roupas) e da casa e sobre dificuldades da família. Todas as mães de filhas solteiras indicaram a ajuda nas atividades domésticas. As mães destacaram a gratidão e o constrangimento pelo fato das filhas solteiras “pararem” suas vidas para ajudá-las. Todas as filhas consideraram as mães como fundamentais quando em dificuldade e vice-versa. Valorizaram a disponibilidade materna em ajudar e tentar compreender as diversas situações. Mas, consideraram que as mães buscam mais ajuda e opiniões sobre o que fazer. No caso das filhas casadas, elas ajudam em questões ligadas à saúde, situações domésticas e à orientação sobre como lidar com os irmãos. Disseram gostar de saber o que as mães pensam sobre diversas situações, da vida pessoal ou profissional. Entretanto, o fato de não morarem mais na mesma casa diminui a obrigatoriedade da ajuda das filhas casadas. A maioria das filhas solteiras (oito) solicita ajuda materna devido à sua capacidade de análise, desde assuntos práticos até situações mais complexas, como na tomada de decisão, dicas para melhorar no trabalho e como se comportar em determinada situação. Em contrapartida, elas ajudam suas mães nas decisões ligadas à casa (problemas financeiros e com-

pras domésticas) e ao trabalho materno. Segundo as filhas solteiras, as mães as incentivam a realizar projetos e gastar menos dinheiro. Este apoio contribui para melhorar a auto-estima, pois por saberem que elas estão por perto as ajuda a se arriscarem. A cooperação busca facilitar a vida da outra. Mães e filhas casadas se percebem como cúmplices e duas mães de filhas casadas acharam que a cumplicidade é o diferencial deste relacionamento da relação da filha com o pai.

Dois mães consideraram haver problemas de cooperação, especialmente pela falta de tempo das filhas. Duas mães de filhas casadas se preocupavam com a necessidade de cuidados especiais na velhice interferindo na vida das filhas. Para três filhas casadas, um dos problemas em ajudar as mães é que estas não pedem as coisas diretamente e ficam aborrecidas quando as mães não compreendem os motivos que impedem a ajuda, entendendo a cooperação como obrigação. Segundo uma filha solteira, as mães são esquecidas e as opiniões diferentes prejudicam a cooperação. Curiosamente, a influência social e a cooperação são vistas de forma ambígua por mães e filhas. A influência é vista como intromissão, ao mesmo tempo em que é algo positivo. A falta de cooperação está ligada a fatores como falta de tempo, dificuldade de comunicação e competição. Mães e filhas reconheceram sofrer a influência da outra, muitas vezes na forma de exigências relacionadas ao seu comportamento.

5. A percepção do relacionamento

Ao se manifestarem sobre a forma como percebem o relacionamento com a outra, três dimensões se destacaram para mães e filhas: a amizade, admiração e crítica e acertos e equívocos. A literatura trata das diferenças entre as expectativas e a descrição que cada uma apresenta do papel da outra (Cottten-Huston & Johnson, 1998) além da interferência do contexto na percepção do relacionamento entre mãe e filha adulta para cada uma delas (Rastogi, 2002).

Dois mães de filhas casadas consideraram a possibilidade de conversarem de igual para igual, tendo em vista que ambas são adultas, como amizade. Três mães de filhas solteiras relataram haver amizade entre elas, pois se conhecem bem. Tal amizade não pode ser considerada típica, por não ser voluntária e por não conversarem sobre as mesmas coisas que conversam com outros amigos. Conforme uma das mães: “união é diferente de amizade, no relacionamento entre mãe e filha existe mais o primeiro caso”. Duas filhas casadas indicaram a falta de hierarquia, pelo fato de serem

adultas e casadas, como amizade. Duas filhas solteiras associaram a ligação forte entre elas com amizade (também por conversarem sobre tudo, exceto sobre sexo e por não falarem palavrão perto dela, o que faziam com outras amigas). O que prejudica a amizade, segundo duas mães (com filhas casadas), é o autoritarismo das filhas. Para quatro mães de filhas solteiras, suas filhas são reservadas demais, voluntariosas, teimosas, desorganizadas e costumam se isolar. Todas as filhas casadas indicaram dificuldades para a amizade, como as diferenças de contexto de vida e de nível de escolaridade, infantilidade materna, tendências depressivas ou de “expansividade” das mães, ou seja, diferenças de personalidade. Aparentes diferenças com uma amizade típica foram relatadas. Neste caso, a amizade entre mãe e filha pode ser entendida como reciprocidade de afeto e comportamento. Quando mãe e filha se percebem como “iguais”, com atitudes mais simétricas, elas se consideram amigas.

Outra dimensão que surgiu na percepção do relacionamento foram manifestações de admiração e crítica. Duas mães (com filhas casadas) relataram admiração pela própria relação. Três mães (com filhas solteiras) comentaram a admiração que sentem por suas filhas adultas serem mulheres maduras, equilibradas, seguras na atuação profissional e que sabem o que querem. Três mães (com filhas casadas) criticaram o hábito das filhas de chamarem sua atenção em público (como apontar erros ou corrigi-las). As mães de filhas solteiras indicaram que as filhas criticam o tratamento dado aos outros irmãos e certos hábitos da mãe (como fumar). As mães reclamaram do consumismo das filhas e do excesso de independência. Cinco filhas (duas casadas e três solteiras) demonstraram admiração pelas mães, considerando-as mulheres fortes, guerreiras, dedicadas, sensíveis, carinhosas, compreensivas, mesmo quando as filhas são hostis, e com um casamento bem-sucedido. Sete participantes (quatro casadas e três solteiras) também criticaram as mães por falarem demais (em momentos inoportunos e quando não solicitadas), pela aparência, rigidez e impaciência.

Outra dimensão englobando duas tendências opostas diz respeito aos acertos e equívocos apontados pelo outro. Como acertos, três mães de filhas casadas mencionaram a educação. Três mães de filhas solteiras citaram os valores familiares, como o respeito aos outros e a não intromissão na vida das filhas, abrindo mão de interesses pessoais. Em geral, as mães consideraram não ter cometido erros na relação, exceto no caso de uma mãe com filha casada, ao reconhecer a pouca atenção que deu à filha. Três filhas casadas

citaram como acertos a educação, a importância do trabalho, sair de casa (via casamento) e estabelecer limites claros. Duas solteiras citaram como acertos a liberdade, o cuidado materno e a presença materna constante em suas vidas para apoiá-las e orientá-las. Três filhas lamentaram a maneira como tratam suas mães, considerando-se egoístas e com dificuldade para ouvir as mães. Duas filhas solteiras sentiam remorso por perceber que as mães estavam certas em diversas situações de conflito, além de criticá-las em virtude do estresse profissional. As filhas consideraram os acertos como uma responsabilidade materna e os equívocos como ações isoladas.

6. Dimensões do relacionamento

As entrevistas também procuraram obter dados a respeito de algumas dimensões do relacionamento enumeradas por Hinde (1997), como similaridades e diferenças, reciprocidade e complementaridade, conflito interpessoal, auto-revelação e privacidade.

A percepção de similaridades e diferenças apareceu nos relatos das díades. As mães de filhas solteiras, embora tenham identificado similaridades (como valores e expectativas em relação a outras pessoas), enfatizaram as diferenças, que não consideraram como um problema. Mães e filhas casadas tinham mais pontos em comum, como a saudade e a tristeza com a separação, um menor grau de dependência da filha e a preocupação com mudanças na relação em virtude do declínio da saúde com a idade. As filhas casadas também reconheceram mais aspectos de similaridade no relacionamento, considerando que a separação foi importante para valorizarem as semelhanças e reconhecerem, em si mesmas, atitudes parecidas com as das mães. Apesar de melhorar a compreensão, elas destacaram que as similaridades também podem ser fontes de conflitos ao buscarem as mesmas coisas. As semelhanças são motivos de proximidade e orgulho, fazendo com que tenham dificuldades em perceber diferenças ou minimizem a interferência delas no relacionamento, no caso das mães de filhas casadas. Outras diferenças apontadas pelas filhas incluem a diferença de escolaridade. Hipoteticamente, as similaridades de gênero e idade facilitam a identificação e a compreensão. Por outro lado, as filhas se tornam mais autônomas, apóiam-se em outras relações e têm interesses próprios, representando diferenças importantes entre elas. A similaridade facilita a manutenção da relação, pois atitudes similares confirmam o que somos e pensamos. Já as diferenças são atrativas, mas podem gerar situações inconciliáveis para o relacionamento em longo prazo (Hinde, 1997).

Reciprocidade e complementaridade foram observadas nos relacionamentos investigados. A reciprocidade esteve associada a interesses similares e à percepção da outra como adulta e o respeito por suas particularidades. A complementaridade esteve presente na orientação, como no caso da mãe aconselhar a filha no casamento. Por vezes, as mães de filhas solteiras indicaram um interesse de que as filhas ainda fossem crianças. As mudanças na família promoveram uma valorização da reciprocidade nas relações, considerado como fator de satisfação, que é importante para o bem-estar psicológico do indivíduo adulto (Neff & Harter, 2003). Segundo Falicov (1991), a reciprocidade entre mãe e filha é um sinal de proximidade emocional.

Quanto ao conflito interpessoal, mães e filhas tendem a não discuti-los, tendo em vista a manutenção do bem-estar entre elas. Assim, as mães costumam minimizar os problemas, considerando “coisa de momento” devido às atribuições da vida. Já as filhas preferem ignorar situações potencialmente conflituosas em vez de transformá-la em um conflito. Segundo elas, o melhor para os conflitos é sair da situação, pedir desculpas e agir como se nada tivesse acontecido. Isto é mais fácil para as filhas casadas, por causa da distância física. A existência de conflito, em algum momento, é praticamente inevitável em relacionamentos íntimos (Hinde, 1997). Em sociedades coletivas, alguns estudos apontaram o mesmo, ou seja, mãe e filha adulta apresentam desentendimentos eventuais, mas geralmente por um tempo breve devido à importância dada ao relacionamento (Gilani, 1999).

Proximidade e contatos frequentes não significam, necessariamente, intimidade ou auto-revelação (Fingerman, 2001). De modo geral, o diálogo refere-se a acontecimentos externos ao relacionamento. As mães consideraram seu relacionamento com as filhas aberto e sem segredos. Contudo, gostariam que as filhas se revelassem mais. Para as mães e filhas, seu relacionamento é de natureza privada, reservada, especialmente quanto à participação do pai. As filhas valorizaram o contato com as mães, porém preocupam-se com a sua privacidade e a das mães; assim direcionam os temas das conversas (Morgan & Hummert, 2000). Em geral, mães e filhas parecem dispor somente de algumas idéias sobre o que se passa no íntimo da outra. Os medos e os sonhos, por exemplo, mantêm-se como algo privado.

DISCUSSÃO

Várias dimensões do relacionamento entre mãe e filha adulta foram analisadas. Alguns pontos podem ser destacados nessa relação. Na história do relacionamento, os relatos apontam para três focos de atenção. Separação e aproximação são vistas como partes integrantes do relacionamento. Paralelamente, a dependência e a independência também se dão de forma dialética. As expectativas de mudança também apontam para um movimento dialético, ora promovendo a diferenciação entre mãe e filha, ora provocando uma maior identificação entre elas (Chodorow, 2002). A história de vida é marcada pela ambivalência ou por tendências dialéticas (Hinde, 1997).

Mãe e filha compartilham uma relação particular (Walker & Thompson, 1983). Esse relacionamento, contudo, dá-se no interior de um grupo social mais amplo, a família. O pai/esposo e os irmãos/filhos são os agentes sociais mais importantes no caso das filhas solteiras, devendo ser acrescido o esposo/genro, no caso das filhas casadas. Pai, irmãos e esposo interferem, ora aproximando mãe e filha, ora provocando seu afastamento, pela disputa da atenção da mãe ou da filha.

O cotidiano é pautado por atividades compartilhadas e não compartilhadas, que dimensionam a importância da relação para ambas e auxiliam no processo de comunicação. A busca de manutenção do relacionamento influencia de maneira ambígua a comunicação, pois querem compartilhar suas vidas sem exposição de suas intimidades e criar conflitos (Fingerman, 1995, 1996).

A percepção do relacionamento também é marcada pela presença concomitante de opostos: acertos são percebidos ao lado de equívocos. A admiração convive com a crítica ao outro (Pillemer & Suito, 2002). Relatam haver amizade, mas não como uma amizade típica.

As dimensões básicas do relacionamento se mostram em sua dialética. Semelhanças e diferenças são percebidas entre mãe e filha. Reciprocidade e complementaridade se alternam na relação. Conflitos existem, mas são negados ou minimizados. A estratégia preferencial do enfrentamento é a negação, a evitação e a minimização. Auto-revelação e privacidade têm seu lugar, mas com restrições.

Uma comparação das respostas dadas pelas filhas casadas e pelas solteiras, na mesma faixa etária, indica diferenças relativas a diversos pontos que interferem no relacionamento. No caso das filhas casadas, o rela-

cionamento é influenciado pela mudança de domicílio, por uma nova situação social por parte da filha (uma nova rede social, com esposo e seus familiares, uma nova posição social, com novas responsabilidades). As mudanças físicas e sociais trazidas pelo casamento e os fatos associados interferem no relacionamento mãe-filha. A cerimônia do casamento é um marco emocional na história delas. Nas três dimensões citadas nesta categoria, o casamento provoca separação. Por outro lado, o fato de a filha passar a ocupar o papel social de esposa permite uma maior identificação com sua mãe, o que é percebido como uma aproximação (pelo compartilhamento de experiências e de uma situação social semelhante). Na segunda dimensão, referente à dependência, o casamento reflete em uma maior independência por parte das filhas. Finalmente, quanto às expectativas de mudanças, o casamento é visto por filhas casadas e por suas mães como responsável por mudanças importantes no meio social, dentro do qual mãe e filha se relacionam (Dewit, Wister & Burch, 1988). O relacionamento fica imerso numa rede mais complexa de relacionamentos em que a filha também passa a encabeçar uma família e o esposo/genro é um agente social importante. O pai e os irmãos, contudo, continuam a exercer influência. O casamento também afeta o cotidiano da relação, quanto às atividades realizadas e às possibilidades de comunicação. A maternidade, vista como decorrência do casamento também gera a expectativa de maior compreensão entre mãe e filha em decorrência do aumento de similaridade entre elas. Na percepção do relacionamento e do outro, as semelhanças e diferenças entre as duas, os conflitos e suas estratégias de resolução, são permeados pela ambivalência. Aspectos positivos e negativos ultrapassam os sentimentos e permeiam toda a vida social entre mãe e filha na busca de perpetuarem a relação, mantendo e transformando seus comportamentos (Spitze & Gallant, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, o relacionamento entre mãe e filha é marcado por sua natureza dialética, no sentido de haver um constante movimento de separação e de aproximação, de busca de diferenciação e descoberta de similaridades, de encontros e desencontros. Essa dinâmica parece seguir-se a um período de dependência maior por parte da filha criança e adolescente e antecede um período de dependência maior da mãe idosa (Baruch & Barnett, 1983). Isto pode ser percebido nas dimensões investigadas. Na história do relacionamento, as respostas apontaram para a dialética da

separação e da aproximação, da dependência e da independência e das mudanças no relacionamento que, em última instância, levam a uma maior identificação entre mãe e filha (esta muda para tornar-se mais parecida com a mãe). A influência da família no relacionamento também é pautada ora pelo fortalecimento dessa relação, ora pela competição ou pela busca da atenção da mãe ou da filha por outros membros da família. O cotidiano é pautado por atividades compartilhadas e não compartilhadas e a comunicação, ao mesmo tempo em que mantém o relacionamento também causa percalços, revela e esconde. Essa dialética também é percebida quando mãe e filha apontam acertos e equívocos, admiração e crítica para descrever como percebem o relacionamento (Boyd, 1989) ou falam de uma relação de amizade que, contudo, se distingue das amizades típicas. As próprias dimensões básicas do relacionamento refletem este dinamismo. Semelhanças e diferenças são percebidas entre elas, ao mesmo tempo em que reciprocidade e complementaridade. Privacidade e auto-revelação se alternam na relação. Conflitos existem, mas são negados ou minimizados em prol da manutenção do relacionamento. O estado civil da filha adulta (solteira ou casada) influencia a relação com a mãe, contudo, em ambos os casos, permanece a ambigüidade subjacente ao relacionamento. Assim, o casamento, ao mesmo tempo em que afasta mãe e filha (que assume uma nova posição social), abre novas possibilidades de relacionamento ao permitir o compartilhar da condição de casada com a mãe, o que representa um novo ponto de similaridade.

REFERÊNCIAS

- Baruch, G. & Barnett, R. C. (1983). Adult daughter's relationships with their mothers. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 601-606.
- Boyd, C. J. (1989). Mothers and daughters: a discussion of theory and research. *Journal of Marriage and the Family*, 51, 291-301.
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cantor, M. H. & Hirshorn, B. (1989). Intergenerational transfers within the family context-motivation factors and their implications for caregiving. *Women and Health*, 14 (3-4), 39-51.
- Chodorow, N. (1979). Estrutura familiar e personalidade feminina. Em M. Z. Rosaldo & L. Lamphere (Orgs), *A mulher, a cultura e a sociedade* (pp. 198-226). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Chodorow, N. (2002). *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.

- Cicirelli, V. (1993). Mother's and daughter's paternalism beliefs and caregiving decision making. *Research on Aging*, 25 (1), 3-21.
- Cicirelli, V. (2003). Attachment and obligation as daughters' motives for caregiving behavior and subsequent effect on subjective burden. *Psychology and Aging*, 8 (2), 144-155.
- Cotten-Huston, A. & Johnson, D. (1998). Daughters and mothers: age differences in relationship descriptions and communicative desires. *Journal of Adult Development*, 5 (2), 117-123.
- Dewit, D. J., Wister, A. V. & Burch, T. K. (1988). Physical distance and social contact between elders and their adult children. *Research on Aging*, 10 (1), 56-80.
- Donorfio, L. M. & Sheehan, N. W. (2001). Relationships dynamics between aging mothers and caregiving daughters: Filial expectations and responsibilities. *Journal of Adult Development*, 8 (1), 39-49.
- Einchenbaum, L. & Orbach, S. (1983). *Understanding women*. NY: Basic Books.
- Falicov, C. J. (1991). *Family transitions continuity and change over the life cycle*. NY: Guilford Press.
- Fingerman, K. L. (1995). Aging mothers' and their adult daughters' perceptions of conflict behaviors. *Psychology and Aging*, 10 (4), 639-649.
- Fingerman, K. L. (1996). Sources of tension in the aging mother and adult daughter relationship. *Psychology and Aging*, 11 (4), 591-606.
- Fingerman, K. L. (2001). A distant closeness: intimacy between parents and their children in later life. *Generations*, 25, 26-33.
- Gilani, N.P. (1999). Conflict management of mothers and daughters belonging to individualistic and collectivistic cultural backgrounds: a comparative study. *Journal of Adolescence*, 22, 853-865.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Hove, UK: Psychology Press Publishers.
- Kabat, R. (1998). The conjoint session as a tool for the resolution of separation-individuation in the adult mother-daughter relationship. *Clinical Social Work Journal*, 26 (1), 73-88.
- Lang, A. M. & Brody, E. M. (1983). Characteristics of middle aged daughters, and help to their elderly mothers. *Journal of Marriage, and the Family*, 45, 193-202.
- Lawton, L., Silverstein, M. & Bengston, V. (1994). Affection, social contact, and geographic distance between adult children, and their parents. *Journal of Marriage, and the Family*, 56, 57-68.
- Lefkowitz, E. S. & Fingerman, K. L. (2003). Positive, and negative emotional feelings and behaviors in mother-daughter ties in late life. *Journal of Family Psychology*, 17 (4), 607-617.
- Luescher, K. & Pillemer, K. (1998). Intergenerational ambivalence: a new approach to the study of parent-child relations in later life. *Journal of Marriage and the Family*, 60 (2), 413-425.
- Martini, T. S., Grusec, J. E. & Bernardini, S. C. (2001). Effects of interpersonal control, perspective taking, and attributions on older mothers' and adult daughters' satisfaction with helping relationships. *Journal of Family Psychology*, 15 (4), 688-705.
- Mens-Verhulst, J. V. (1995). Reinventing the mother-daughter relationship. *American Journal of Psychotherapy*, 49, 526-539.
- Morgan, M. & Hummert, M. L. (2000). Perceptions of communicative control strategies in mother-daughter dyads across the life span. *Journal of Communication*, 50 (3), 48-64.
- Mottram, S. A. & Hortaçsu, N. (2005). Adult daughter aging mother relationship over the life cycle: the Turkish case. *Journal of Aging Studies*, 19, 471-488.
- Neff, K. D. & Harter, S. (2003). Relationship styles of self-focused autonomy, other-focused connectedness, and mutuality across multiple relationship contexts. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20 (1), 81-99.
- O'Connor, P. (1990). The adult mother/daughter relationship: a uniquely and universally close relationship? *Sociological Review*, 38, 293-323.
- Pillemer, K. & Suito, J. (2002). Explaining mothers' ambivalence toward their adult children. *Journal of Marriage and the Family*, 64 (3), 602-613.
- Rastogi, M. (2002). The mother-adult daughter questionnaire (MAD): developing a culturally sensitive instrument. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 10 (2), 145-155.
- Scharlach, A. E. (1987). Role strain in mother-daughter relationships in later life. *The Gerontological Society of America*, 27 (5), 627-631.
- Shaw, H. E. & Magnuson, S. (2004). Gaps and reconnections in the mother-adult child relationship. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 12 (2), 194-198.
- Spitze, G. & Gallant, M. P. (2004). The bitter with the sweet: older adults' strategies of handling ambivalence in relations with their adult children. *Research on Aging*, 26 (4), 387-412.
- Stein, C. H. (1993). Felt obligation in adult family relationships. Em S. Duck (Org.), *Social context and relationships* (pp. 78-99). California: Sage Publications.
- Suito, J. J. (1987). Mother-daughter relations when married daughters return to school: Effects of status similarity. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 435-444.
- Umberson, D. (1992). Relationships between adult children and their parents: psychological consequences for both generations. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 664-674.
- Walker, A. J., Shin, H. & Bird, D. N. (1990). Perceptions of relationship change and caregiver satisfaction. *Family Relations*, 39, 147-152.
- Walker, A. J. & Thompson, L. (1983). Intimacy and intergenerational aid and contact among mothers and daughters. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 841-849.
- Yoo, G. (2004). Attachment relationships between Korean young adult daughters and their mothers. *Journal of Comparative Families Studies*, 35 (1), 21-32.

Recebido: 27/07/2006

Revisado: 09/10/2006

Aceito: 21/12/2006

Sobre os autores:

Kirlla Cristhine Almeida Dornelas: Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento – Centro de Ciências Humanas e Naturais – Universidade Federal do Espírito Santo.

Endereço para correspondência: Rua Itaguaçu, 26 – 29168-160 Mata da Serra – Serra/ES – Endereço eletrônico: kirlladac@gmail.com.

Agnaldo Garcia. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento – Centro de Ciências Humanas e Naturais – Universidade Federal do Espírito Santo.

Endereço para correspondência: Av. Des. Cassiano Castelo, 369 – 29173-037 Manguinhos – Serra/ES – Endereço eletrônico: agnaldo.garcia@uol.com.br.
